



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

22 DE DEZEMBRO DE 1956
Ano XIII — 334 — Preço 1\$00

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Esta é a nossa lembrança de Natal: A oração de Pai Américo em Fátima, em 13 de Maio de 1953. Um encontro feliz deu-nos oportunidade de transcrever a gravação. Há algumas falhas, que nem retocamos para não profanar.

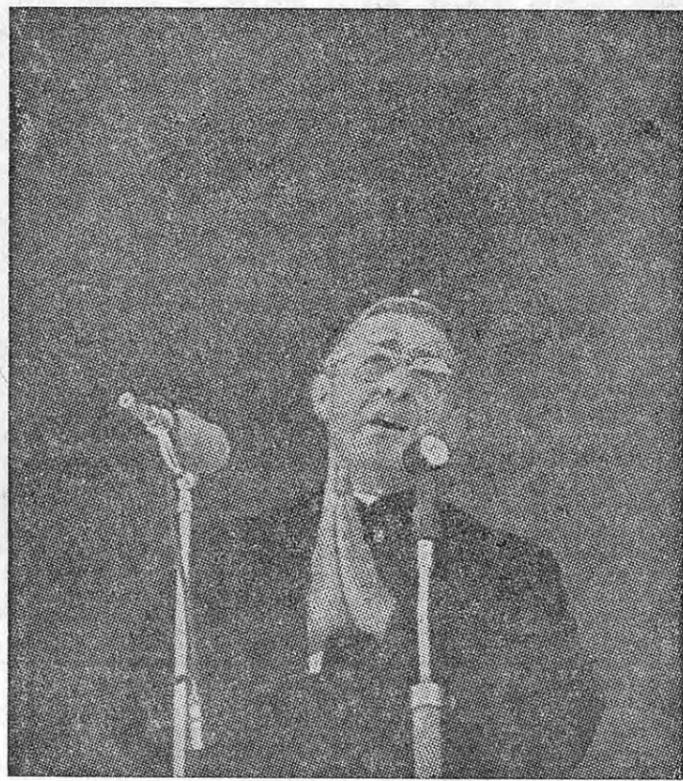
Daquela «monte sagrado pela presença da Virgem Mãe de Deus», partiu o grande movimento nacional que ia então em 26 casas e hoje se abeira das mil. Ele é, mais do que de construções, um movimento das consciências tocadas pelo remorso das omissões duma cristandade demitida da sua missão temporal.

Se então as palavras de Pai Américo «feriram», que chagas beneditas não vão hoje reabrir!

Faz assim e vives.

E dilatando mais um bocadinho a nossa oração em conjunto, vamos a ver, o que é que vos trouxe aqui?

Oh, certamente pedir cada um para si. O mundo pede assim. É uma maneira subtil de justificar o nosso pedido: Senhor eu quero, Senhor eu preciso, Senhor eu desejo. Não basta, nem o Mestre ensinou assim. Venha a nós o Vosso Reino. Irmãos, peçamos para os outros e assim fazemos justiça no /.../ do mundo como se não as usássemos. E assim fazemos todos justiça. E peçamos como vou hoje aqui pedir a todos, uma coisa do tempo, necessária. Abrigar os nossos irmãos, libertá-los das moradias imundas e impróprias em que vivem. Vamos construir casas pequeninas para as vidas pequeninas dos nossos irmãos que com tão pouco se contentam. Há dias procurei-me uma viúva de seis filhos e disse-me: «Se Você me der 50\$ por mês, se me garantir, eu crio, eu crio com o meu bafo estes filhinhos que tenho». Não é preciso mais nada, a mãe faz milagres. O amor da mãe santifica os filhos e opera milagres. Assim, áqueles que vivem nas casas próprias. Eu sei que desde Abril do ano passado a Abril deste ano se construíram 26 casas que estão já subidas e ocupadas por Pobres. Não importa saber onde, nem importa saber como. É inspiração de Deus. É fazer justiça. E também sei que muitos sacerdotes à frente das suas aldeias em vários distritos de Portugal comunicam-me a dizer como é que se começa. E eu digo: AMAR, AMANDO!!! E



Mãos postas — posição de quem semeia Eternidade.

Será uma oração de dez minutos.

Neste monte sagrado pela presença da Virgem Mãe de Deus, e consagrado pela.....

É por obediência que venho aqui.

Será uma oração de dez minutos.

De mãos postas eu digo diante de todos: nós acreditamos na presença de Jesus Cristo vivo no

mundo. E de duas maneiras acreditamos na Sua presença porque ambas são objecto da nossa fé.

A primeira presença que afirmamos e acreditamos é o Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Escondido!! Escondido sim, mas vivo!

E a segunda presença que nós afirmamos e acreditamos é no Pobre abandonado. Escondido sim, mas vivo!

E assim como S. Paulo no seu tempo dizia a quem o escutava que não sabia dizer mais nada, nem sentir mais nada, nem viver mais nada senão somente Cristo, assim eu também hoje pela missão que Deus me confiou entre os mortais, eu digo que não sei viver mais nada, nem sentir mais nada, nem falar de mais coisa nenhuma senão do Pobre e este crucificado.

Perdoai a minha insipiência, irmãos.

Perdoai.

Vamos curar as feridas dos Pobres e assim damos testemunho de Cristo. O samaritano é o único que ganha todas as partidas. O samaritano, irmãos, vive. Dele falou o Mestre. Naquele tempo passaram os grandes, os grandes daquele mundo. Passaram os ocupados com a grande vida sua. Passaram os bens instalados. Os comerciantes de todos os artigos daquele tempo que se compravam e se vendiam, e esses ficaram na História como quem passa. Passou o Samaritano.

Este era estrangeiro, mas curava-se, cura a ferida daquele estropiado. Tinham passado também sacerdotes, passou um e passou outro, não juntos, foi um de cada vez. E pensavam da mesma maneira: errada. Eram da antiga Lei. Jesus Cristo é severo nos seus ensinamentos, e o samaritano, irmãos meus, e o samaritano foi pregado. Foi anunciado. É hoje anunciado aqui a esta multidão. Só ele vive, tudo o mais vegeta.

Queridos irmãos, desculpai a minha insipiência.

Talvez seja bárbara esta doutrina, mas eu não sei outra. É o meu alimento, é a minha vida.

UMA VISITA

Esta visita chegou a ter data marcada em vida de Pai Américo. Circunstâncias de momento impediram que ela fosse e Pai Américo não chegou a gozar a grande alegria que nos foi dada no dia 3 passado. Senhor Doutor Melo e Castro, Senhor Doutor Braga da Cruz e três Médicos amigos que se dão mãos no combate à tuberculose, passaram conosco grande parte do dia. Não foi a visita protocolar dum membro do Governo e da autoridade maior do distrito. Foi um convívio mui fraterno de homens cristãos que procuram trabalhar de corações ao alto, a bem da Nação. Na verdade, eu não achei melhor saudação do que darmos graças a Deus por sermos ali um grupo de doze, irmanados pelo mesmo interesse, cujo objecto é o nosso próximo. E nos olhos, nas lágrimas nos olhos que lhes vi nesta varanda do escritório de Pai Américo onde tudo diz a sua presença, eu julguei entender inteira concordância de sentir.

Começamos por Beire, onde funciona já o primeiro bloco da Casa Agrícola e onde se promete para breve o Calvário, cujo hospital atinge a última fase de construção. Tratou-se do pavilhão para a criança irrecuperável. É uma necessidade urgente que não

— Continua na 2.ª página —

Facetas de uma Vida

A virtude da Caridade andou sempre aliada à vida do Américo d'Aguiar. São já proverbiais as pequenas histórias relativas à sua vida de criança e a maneira como, ainda menino, já era querido dos pobres que frequentavam a casa no seu mendigar. Ele dava mais e melhor do que ninguém.

A educação do Américo criou muitos cabelos brancos aos pais e sobretudo ao Pai. Depois dos colégios de Penafiel e de Santa Quitéria e depois de ter sido posto de parte, definitivamente, o projecto do Seminário, apareceu a ideia

como se arranja dinheiro? AMANDO! E a quem se vai pedir? A ninguém. AMA-SE. O Pobre, as chagas do Pobre, beijam-se as chagas do Pobre como fazia Francisco de Assis no seu tempo e não foi preciso mais nada, para ainda hoje ele ser o mesmo que foi há dez séculos, o Homem revolucionário.

É uma oração que eu faço aqui diante de todos e é tal a minha veemência que eu estou convencido, mais do que isso, eu sei de certeza que alguns não-de ir para as suas paróquias e para as suas terras por um caminho diferente daquele que vieram para aqui; quero dizer, pensando doutra maneira, talvez arrependidos de se encontrarem só consigo mesmo nos pedidos que fazem e não saberem

dizer a oração do Mestre: «Venha a nós o Vosso Reino».

O Reino da Justiça e isso basta. Sem justiça não há paz; sem justiça não há amor; e o amor e a paz que se proponha sem justiça pode ser um nome bonito, apresentado lindamente, mas é um nome e não passa daqui.

O dinheiro para as casas? Não perguntes; essa pergunta é profana; isso fazem os publicanos e os pecadores. Então quê? AMA e AFLIGE-TE. E a justiça sendo uma força imanente e viva produz o milagre.

Para terminar esta oração: A semana passada contaram-me e eu não quis acreditar e fui ver, irmãos, fui ver com estes olhos.

Eu fui ver e num curral, juntamente com os animais que lá estavam, vivia uma família de seis e uma criança no berço. E quando eu entrava diziam: «olhe que cheira aí muito mal, não entre». Mas eu ia justamente para tirar o mau cheiro, e já está uma casa quase em meio ao pé daquele curral. Aquela família de sete já vê pôr vidros nas janelas, já vê outras casas semelhantes onde têm outros a mesma sorte contentes com a certeza.

Quem operou o milagre? A Justiça.

Onde está o dinheiro para pagar essa casa? Não é da minha conta. Da minha conta é sim colocar lá aquela família.

Irmãos queridos vou-me embora.

Perdoai-me o atrevimento mas eu termino como comeci. Eu não sei viver mais nada, eu não sei sentir mais nada, senão somente o Pobre e este crucificado.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

— Continua na 3.ª página —

De Cartas

Três zonas do país. Três seminaristas. Três testemunhos do mesmo amor a Cristo Pobre. Três corações jovens que aspiram à «loucura» da Pobreza, para que seja menos dura e menos perigosa a excessiva pobreza que cobre a face da terra. Três sons de uma voz muito mais vezes repetida, graças a Deus.

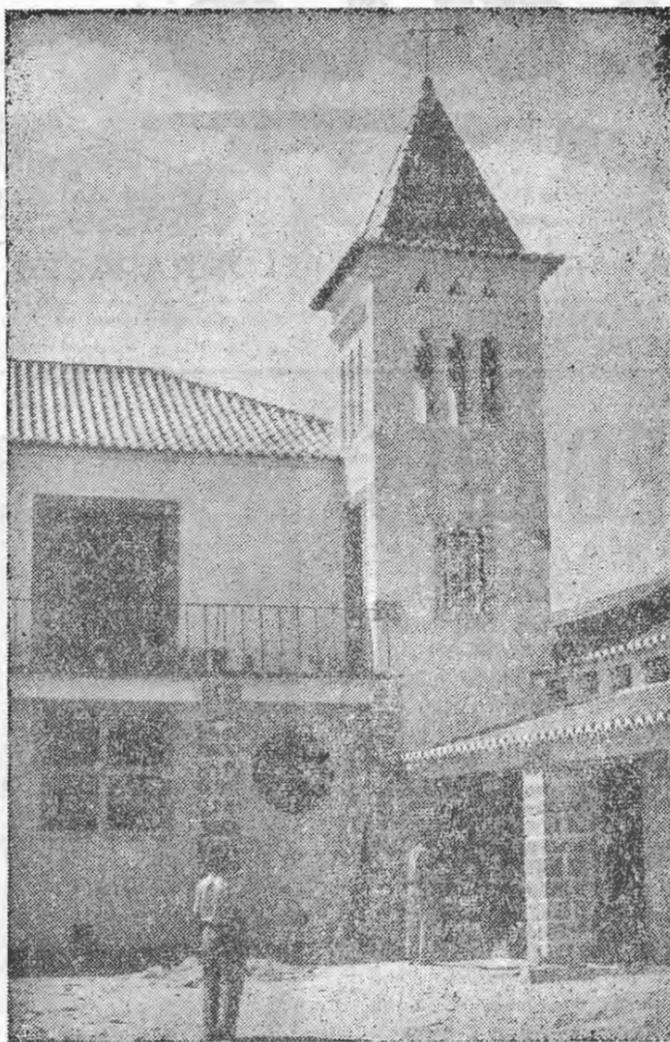
«Agora estou em sérias dificuldades para mandar para aí as fotografias, pois a minha falta de cartão para fazer um embrulho deste género é total. Gosto da Pobreza e de tudo o que me faz pensar nela.

Aquele Pobre por causa de quem fez o favor de cá vir já está instalado na quinta e muito satisfeito. Ele e a família com menos frio. Eu também».

«Em breve receberei pela graça do Senhor a sagrada Ordem de Subdiácono. E os entusiasmos não esmoreceram. Quero ser um Padre pobre».

«Estou a preparar-me para o Subdiaconado. É um passo decisivo que para mim já tem muitos antecedentes. Quase diria que já não era preciso

— Continua na 3.ª página —



Tribuna de Coimbra

Se a culpa fosse nossa não nos atrevíamos a falar das Casas dos Pobres de Coimbra. Tanto se tem dito e se tem escrito e tão pouco se vê ainda realizado!

É sempre o eterno problema de construir nas cidades. É a questão do terreno capaz. Há já bastante dinheiro. Há boas vontades de colaborar. Há oferentes de casas à espera de as ver prontas e habitadas há quase três anos. Há muitos com vontade de dar mas esperam ver primeiro. E estamos parados.

Temos na cidade de Coimbra apenas nove casas habitadas.

O nosso Pai Américo tinha razão para não querer aceitar casas com a condição de lugar certo.

O terreno que há pouco foi oferecido em Coimbra é bom, grande e acessível, mas fica distante. Preocupa-nos. Não podemos atirar com os pobres para longe, onde não possam ser facilmente assistidos. Também não podemos amontoar casas, aliás transplantávamos a miséria. Temos de nos preocupar em agalhar humana e cristãmente no lugar, quanto possível, onde têm vivido. O Pobre precisa de ser muito amparado.

Por princípio, o Património dos Pobres não deve comprar terreno. A cedência gratuita dele é um dever moral para quem o tem e não necessita. Aqui está uma grande base de auxílio directo à solução do problema da habitação urbana dos Pobres. E acontece precisamente o contrário. Quem tem terrenos livres, fecha-se; e se os cede, exige uma exorbitância de preço. Não sabem amontoar no Céu. E geralmente não o fazem por mal e julgam-se rectamente no caminho da salvação.

Desconhecem a Doutrina Social, não falando já na Caridade. Pensam que são senhores absolutos daquilo que é seu. Ignoram os dons de Deus. Esquecem-se as Bem-aventuranças. Até por vezes podem frequentar muito a igreja e ocupar os primeiros lugares, mas não têm inteligência para compreender a Doutrina. Andam enganados.

Estas dificuldades que têm surgido na cidade de Coimbra, onde apesar de tudo temos encontrado algumas vontades tão nobres, surgirão certamente nas outras cidades e vilas de Portugal.

Parece-nos que as Câmaras, que geralmente têm sido tão atenciosas com o Património dos Pobres, poderiam e deveriam resolver este problema do terreno.

O Património está a ajudar a resolver um dos maiores problemas nacionais e locais: o problema da habitação. As câmaras têm meios legítimos de adquirir terrenos pelo seu justo valor, enquanto que as entidades particulares as não têm.

Ainda ontem, numa rua de Coimbra, alguém a quem nos queixamos desta lentidão duns e ganância doutros, nos dizia que lhe dessemos uma «abanadela», a começar por si mesmo.

Ora quem somos nós para que o mundo nos olhe e ouça?

É do Evangelho. Canas agitadas pelo vento. Foi assim que falou João Baptista. Somos canas agitadas por Cristo crucificado no nosso irmão Pobre e queremos agitar todos os nossos irmãos. Aqui está.

Padre Horácio

Um claustro de mosteiro moderno? Não. Um recanto das novas oficinas do Tojal.

Uma Visita

Cont. da 1.ª pág.

teve até agora remédio algum. Eu sou testemunha de quanto esta ausência doi no peito do Senhor Subsecretário. Daí, o grande empenho seu neste ramo do Calvário.

Depois viemos por Paço de Sousa. Primeiro a campa rasa de Pai Américo, juntinha aos muros da nossa quinta. «É a raiz. Daqui sobe a seiva até lá cima» — disseram. E todos seguimos a ver os ramos que essa «seiva» vivifica. Foi uma passagem breve, que o tempo urgia. Mas bastou para se notar a grandiosidade equilibrada da nossa aldeia. Ao almoço falara-se já nos vários capítulos que Pai Américo abriu: O jornalista, o pedagogo, o orador... Agora um outro surgia: o artista, que impulsionou o dedo do arquitecto no desenho e na urbanização desta cidadezinha. A sua beleza tem feito o espanto de muita gente, de toda a gente. Ela é um cartaz que diz bem de Portugal.

Depois, da varanda do «redondo», foi a vista do conjunto e a vista, mais íntima, deste escritório, testemunha de tantas alegrias e tantas amarguras que fizeram a vida de Pai Américo, cheia da contradição que é o sinal do Mestre.

Na hora da partida, os nossos corações, disseram melhor que nossas bocas, quanto podíamos contar uns com os outros na mesma doce tarefa de diminuir dores de tantos irmãos que as sofrem muito.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Afinal já se decidiu a «obra» a efectuar na tipografia para alojamento da automática. É um pequeno acrescento que vai tornar o edifício ainda mais gracioso e permite olhar progressos futuros com maior largueza. Os leitores começam a reagir connosco e a reputar esta aquisição «a mais necessária». Têm razão. As cartas chegam todos os dias, em grande número, a perguntar por livros de Pai Américo e «O Barredo» é a nossa única possibilidade de resposta... E não por muito tempo! E assim, temos a registar esta quinzena uma razoável descida no que falta para liquidar a Johannisberg. «Uma empregada» diz a sua compreensão com 1.200\$. Ao Rio de Janeiro já chegaram ecos deste nosso anseio e por resposta 5.000\$. Mais 50\$ de «uma portuense» e 1.000\$ dos empregados da Companhia dos Telefones. Com várias migalhinhas, restos de assinaturas e pagamentos da tipografia, ficamos na dívida de 350.500\$00.

Outro capítulo importante são os cobertores. O Senhor dos ditos estava em casa e no mesmo parecer dos mais anos. Em melhor até!, que aos cinco contos para cobertores juntou mais 10 pró Calvário. Eu acho muito sabor nestes «Senhores» de todos os anos e aqui recorro quem, sem se deixar conhecer senão de Deus, fez entrega de 50 ao longo de nove anos seguidos! Há dois ou três anos que esse alguém desapareceu. Mas, porque fez bem o Bem, a sua lembrança permanece.

Do Cofre do Pessoal de Trens e Revisão de Campanhã 714\$30. Duzentos e oitenta dos empregados de Malha Produtora, Lda. 51\$ dos da Mobil Oil. E ainda outra vez os e as Telefonistas do Porto com o resto «da organização da visita à Casa do Gaiato no passado dia 2»: 436\$20. Destes é que se pode dizer que foi uma no saco e outra no papo. Eles trouxeram 28 contos e aqui muitos se explicaram novamente. E agora mais este «resto». Eu às vezes ralhava com as senhoras dos telefones por causa das demoras e cortes de ligação e outros sarilhos tais, mas agora nunca mais.

Cem do grupo «Amor do Redentor». Mais 106 por intermédio do «Comércio do Porto» e uma vitela muito linda dum nosso vizinho e amigo que ganhou este jeito. Um visitante apareceu aí com lâmpadas. Luminoso presente. Sapatos e roupas e retalhos, em muito bom uso e quase todos com o rótulo inteligente «pode ser usado sem receio».

«Dois amargurados» 50\$. Mas eles serão na verdade amargurados com esta generosidade tão fiel? Custa-me a crer.

«Aí vão mais 100 para a Obra... Que Deus proteja o nosso amor...». A Caridade é amor. Se d'Ela se faz o elo de dois corações, não há que temer pela permanência do Amor. Cem «pela luz de uns olhos». É de Lisboa. Mais 30 dollars de Newark. Dois gritos

de amor materno, prolongado a estes filhos sem Mãe. «Protege meu filho, meu bom Pai Américo», 100 e 20 pela felicidade dum filho.

O Natal vem aí. De Moçâmedes, a prepará-lo, 500\$ e 200\$ do Dundo. A África como é longe é a primeira a chegar. Mais 50 de Forte de Peniche pelo regresso ao caminho do Bem, duma «alma que muito sofre e a quem muito quero», 20\$. Dois cobertores de Loriga. 30 de Tomar, de um rapazito por alma de seu pai. Uma «torrejana» pelo exame da filha manda 50. E voltamos a Lourenço Marques e Inhambane, a buscar preciosas roupas que o correio nos traz.

Espelho da Moda quanto lá vai dar. No Lar do Porto, da mesma sorte.

Vêm os agradecidos por melhoria de sorte. «2.300\$ relativo a dois aumentos de vencimento do chefe de família. Quando voltar a haver aumento cá estaremos». «Esta pequena parcela do meu primeiro ordenado: 240\$». E 300 dentro aumento. Este é de Lisboa e manda mais 50 duma cunhada que fez promessa e cumpre.

Os da viúva da nota da quinzena e da «do filho que barriga» começaram quando o Pai Américo aqui falou nos casos e não desistem. 50 do Porto e outro tanto de Lisboa o quatro vezes mais duma letra muito conhecida.

Chales de Ordins

Marcam presença com um chale Montemor-o-Novo, Algueirão, Valado dos Frades, Alpiarça, Nogueira da Regedoura, Almendra (Douro), Canidelo (Gaia), Matosinhos, Cabaços, Nazaré, Cadima, Assafarge, Vila Chã, Braga, Torres Vedras, Leça da Palmeira, Rio Maior, Lagares (B.A.), S. João da Madeira (o frio aperta de verdade e nós queremos aquecer um pouco à sombra da Casa do Gaiato, maravilhosa inspiração do inesquecível Pai Américo). Oliveira de Frades, Coruche, Seixal e Arcos da Anadia.

Vieram por chales de vários tamanhos: Macieira (Barcelos) quer dois dos maiores e cinco dos pequenos. Lisboa dois de 125\$ e outros tantos dos menores. Braga um médio e um pequeno. Desejava fazer uma encomenda de Chales à volta de 18 a 20 — são para as doentes duma enfermaria deste Hospital. Alcobaca também um médio e outro pequeno. Lisboa um grande e um imediato. Famalicão, idem. Elvas um de cada. Gafanha da Nazaré, idem. Moimenta da Beira um pequeno e outro imediato. Nazaré, tanto aqui falada, leva dois pequeninos e um dos maiores. Coimbra um pequeno e outro imediato. Tortozendo um dos maiores e um dos médios. Tondela um de 125, dois de 95 e outros tantos de 65. Também costume fazer bem aos pobres da minha terra. Se os chales me agradarem e servirem para dar aos meus pobres, é possível que vos encomende mais. Cá esperamos. S. Venân-

DOCTRINA

Ainda agora fui verificar a folha de férias da última quinzena. Setenta e três são os trabalhadores que em Beire erguem Calvário e Casa Agrícola. Setenta e três, que a juntar aos trinta e tantos que em Paço de Sousa acabam o edifício da adega, fazem um total de mais de cem famílias que aqui têm a garantia do seu pão. Em Miranda, Tojal e Setúbal, não são tantos, mas duas ou três dezenas mais da mesma sorte.

Há dias, um dos pedreiros, enquanto colocava a cornija da adega, ia-me dizendo que «isto está a acabar: é preciso pensar noutra obra». Era um que tem ganhado aqui, os

De Cartas

— Continuação da segunda página —

pensar mais na responsabilidade. Se penso, na presença de Deus, tudo é serenidade e confiança. Se não, até me arrepio. Sem dúvida que há em mim uma paixão (é a primeira vez que lhe chamo assim) que não me dá tempo sequer de pensar em perigos de qualquer natureza.

Eu quero amar o Pobre por amor de Deus. E quanto mais procuro amar a Deus, mais amor tenho ao Pobre. Será este amor a maior benção na minha vida. E assim não tenho medo de ser mau Padre».

Quem teme, pois, acerca do futuro?

cio (Leiria) quer um pequenino e dois dos outros tamanhos. Lisboa um grande e um pequeno. Porto, idem. Outra vez Lisboa, dois grandes e outro de menores. Quintás, idem. Outra vez o Porto com três dos pequenos e outro dos grandes. E ainda o Porto com um de 125\$ e dois de 65\$.

Mas Portugal não se confina aos 89.106 km² continentais, nem os nossos chales chegam só ao Algarve. Do Ultramar pede-se um dos médios para Amoreiras Gare (B. Alentejo). Ribeira Grande, idem. Funchal um dos maiores e Ribeira Brava outro. Huambo (Angola) um dos médios. Beira (Moçambique), idem. Que seja bonito. Ele destinava-se ao primeiro filho de um jovem casal. Lourenço Marques um dos maiores. *Som os assinantes do Gaiato. Que Mundo de Beleza e Amor há nas suas Doutrinas!* E finalmente, e outra vez, o Funchal com uma nota para três dos grandes, quatro dos imediatos e outros tantos dos menores.

A Ordins tudo chega. Ninguém se aflija. Excedentes para Pobres, Doentes, Conferência, Casa do Gaiato, ou sem destino — a que se dá sempre o melhor destino, tudo aqui chega. Até as sementes e plantas para ajudar a tornar Ordins um recanto do Paraíso, vindas de Neves (Beja). Senhor Padre Carlos pôs-me com a padre na largos pês-me Vistas de Dentro. Neves aproximou-se para soltar o nó. Senhor Ramiro de Beire ainda não ouviu a chamada.

Padre Aires

treze anos passados, dia a dia. O homem dizia isto com decisão, como quem conta de certeza, não mudar de emprego.

E nós, posto digamos de cada vez que «esta obra é a última; agora não se constrói mais nada», sempre vamos encontrando entre biscatos e obra de raiz, com que dar trabalho a largas dezenas de chefes de família.

É por causa deste valor que não temos medo das obras. Foi por causa deste valor que Pai Américo não hesitou há anos em construir aqueles muros de suporte que conquistaram à mata quase um hectare e deram pão aos que os fizeram durante muitos meses e hoje nos dão pão a nós. Foi no tempo da guerra da Coreia. O tiroteio para quebrar a penedia fez alucinar a obra de «Coreia».

«Não sei se financeiramente esta obra não foi uma ruína, mas não me importo. Pensei-a para dar trabalho» — ouvi muitas vezes a Pai Américo. As nossas contas não se regulam pelas regras financeiras deste mundo. O rendimento que procuramos é social e visa a vida eterna. Por isso não tememos as obras.

Se por hipótese, tivéssemos de parar, que estremeção na vida desta centena e meia de famílias! Ora este estremeção não pode ser querido por Deus. É a Justiça que está em causa. O dinheiro tem vindo, vem e sempre virá na medida em que fôr necessário. É a Justiça que clama.

Tenho ouvido dizer e mui-

tas vezes a respeito de obras sociais em projecto: «Não começo enquanto não tiver o dinheiro todo». Engano. Já mais começarão. Enquanto esperam o total, cresce a desconfiança dos que deram as primeiras parcelas e darão segunda e terceira vez. Esta gente julga que faz Caridade, mas quando muito fará assistência. Deus não está comprometido nas suas obras. Estas são puramente humanas; regidas — é lógico — pela matemática dos homens.

Mas quando a obra não é nossa, mas dEle, quando nos temos por meros e insignificantes instrumentos dEle, vamos ao Altar no momento próprio e batemos os punhos: *Anda meu Deus, agora é a tua vez de Te mostrares. Eu fiz quanto me pertencia. Agora és Tu.*

E Ele não pode faltar, porque «quiquid orantes peticis...», porque «tudo quanto pedirdes, orando, acreditai que o receberéis». O Evangelho não mente. Desgraça é que seja para tantos apenas uma filosofia, quando Ele é vida! Que as obras que pretendem ser de Caridade e, quando muito são no de assistência, não mostrem Cristo «passando a henfazer»! Porque quando as obras são dEle e portanto O mostram, os homens caem-lhe aos pés convencidos, que Ele é o perene «Sedutor» dos séculos.

Eis porque não temos medo das obras e por que razão eu ando buscando outras com que responder ao operário que me interpelou.

FACETAS DUMA VIDA

— Continuação da 1.ª página —

dor do estabelecimento até carreção das compras do Mercado do Anjo. E foi precisamente no Mercado do Anjo, hoje extinto já pelo camartelo do progresso, que mais uma vez se manifestou a caridade do Américo.

Ao tempo frequentavam esse mercado duas Irmãs de Caridade que lá entravam todos os dias, levando pela arreata um jericó, para cujos alforjes, vendeadas e freguesas, lançavam do que vendiam e do que compravam: uma batata, uma cenoura, uma couve... O Américo tinha um desgosto enorme por não poder ajudar as freirinhas contribuindo, duma maneira tão simpática, para o seu sustento. Mas conseguiu resolver o problema: guardava em casa os restos da cozinha e levava-os para o mercado, onde os dava a comer ao jericó.

Os pobres de Paço de Sousa e de Cete não conheceram apenas o Padre Américo. Muito antes de ser padre ele os protegeu. É pena que tenham desaparecido os documentos co-

merciais da extinta Loja do Albano, a antiga de Cete, onde havia ordens de protecção para os pobres da redondeza, traduzidas em géneros de mercearia. E não eram poucos os beneficiados. Em Maio de 1925, em carta de Tuy para sua prima Benilde, manda ele emendar o número de pobres protegidos de 14 para 16. Pede a sua prima para ajudar, de preferência, os homens impossibilitados de ganhar a vida. Na mesma carta pede a sua prima, então residente em Paço de Sousa, conselho sobre a escolha duns cobertores que quer distribuir, em número de 40. Está nesta altura o Frei Américo a pôr nas mãos dos pobres a fortuna que trouxe de África.

Noutras cartas escritas do convento, fala ele na distribuição de peças do seu bragal, trazidas de África, e que ele distribuiu pela família à maneira de recordação. E mesmo do convento, para onde tinha levado coisas a mais para a pobreza franciscana, manda ele para Paço de Sousa o que é considerado supérfluo, para ser distribuído.

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Antes de mais vai aqui um recado: os senhores façam favor de não enviar mais listas de nomes sem a indispensável autorização dos propostos. É que as queixas chegam de toda a banda. Uns, sendo assinantes, passam a receber dois exemplares! Outros, não sendo, recebem um, dois, três números e a páginas tantas devolvem.

É mais trabalhoso. Sim. Custa mais um bocado falar ao próprio. Mas a experiência aconselha e «obriga». Fulano, beltrano e sicrano estão em condições de assinar? Mãos à obra. Se em casa, se na loja, se no café, se no futebol, se no cinema, se na rua. Em qualquer parte. Em qualquer lugar. Basta uma palavrinha. Sim, sim. Não, não. É trigo limpo. Ora assim, meus senhores, calam-se todos: Encarregados da secção do jornal e assinantes. Tudo serena. Caso contrário não há ouvidos que escutem, nem olhos que leiam tanta reclamação. Entendido?

Um tanto a propósito queiram prestar atenção:

«Gostaria imenso de ampliar o número de assinantes de Avintes, mas só me interessam aqueles que compreendam o valor intrínseco do «Gaiato», sentindo toda a comoção que emana do realismo com que a vida do pobre nos é contada, em frases em que o Evangelho nos é apresentado tal como Cristo o pregou há quase dois mil anos. E se nem sempre somos superiores àquela tentação que nos arrasta para o campo da indiferença, que ao menos saibamos compreender ao lermos o «Gaiato», o quanto o mundo seria feliz se nos amparássemos mutuamente, principalmente quando os nossos irmãos resvalam pela ladeira que os conduz onde nunca parariam se houvesse em todos os corações menos ambição e mais caridade. Mas é assim a vida».

Não temos «lista de honras». Não publicamos nomes. Tão pouco concedemos prémios às que enviam maior número de assinantes. Nós somos às avessas do mundo. No entanto, permitam-nos enviar uma saudação especial para Figueira de Castelo Rodrigo, Carrizado de Montenegro e Aeroporto de Santa Maria. Andam por lá dedicações à conquista de gente fresca. E que resultados!

O despique Porto-Lisboa persiste. Vem do princípio. Ainda agora chegou uma lista da capital do Norte com nove, do assinante 17.747. Em Lisboa um propagandista despertou outro: «Eu podia dizer-lhe que improvisasse uma lista dum papel qualquer, mas já tive por experiência que é muito mais fácil arranjar-se um assinante com uma lista vossa na mão, do que com outro qualquer papel, pois parece que a lista tem um poder especial que ajuda a nossa missão». Quanto vale a experiência! Há muito que esperar de Lisboa. Lisboa é um mundo de gente. E o Porto leva a camisola amarela. Viva o Porto!

Júlio Mendes

marçano essa Fé manifestava-se com frequência na Igreja dos Grilos, onde era muito querido dum grupo de velhotas com quem fazia a Via-Sacra. Passados muitos anos, numa das suas vindas de África, sua prima Benilde conseguiu convencê-lo a confessar-se. E lá foram os dois até à mesma Igreja dos Grilos à procura de padre para o fazer.

Chegados à igreja, enquanto a prima entrou na sacristia à procura de sacerdote, o Américo ficou sózinho na igreja. Dali a pouco, quando a Benilde o procurou novamente para o encaminhar para o confessor, não o viu no sítio onde o deixara. Mas, reparando melhor, foi dar com o Américo escondido atrás duma coluna. Perguntado porque se escondia, explicou ele que tinha avistado uma das velhotas doutros tempos e que se escondia com medo que ela ainda o conhecesse.

E já agora, porque não pôr aqui um bocado de graça, dessa graça que o Américo punha em tudo. Quando a Benilde lhe pediu para se confessar, o Américo respondeu-lhe que só iria se ela lhe desse uma malga de papas. Confessou-se... e comeu as papas.

Ramiro d'Aguiar

PELAS CASAS DO GAIATO

AGORA

PAÇO DE SOUSA

Parte da tarde. Estamos na encadernação. Trabalha-se afanosamente para dar seguimento aos trabalhos urgentes. Alcear, cartonar, colagem de capas, numeração, martelo e pregagem de livros. Os clientes estão à espera. Re-lhas e Guilhufe dirigem as operações. Ramada está a picotar e tem mostrado fazer muita cera. O Lisboeta e o Caracol estão «pegados»... Foi a broa. Sempre ela a das grandes guerras e questões.

Foi o Manuel das Eirinhas que tirou um pedaço dela e este virou-se ao Lisboeta.

—Olha para o tipo!
—Não sejas mas é gatuno pá!... Lembra-te que se eu quiser vou-te acusar...

—E se comeres no nariz?
—Já sabes. Vou fazer queixa.
—Não digas muitas vezes isso...
—É agora e logo ainda comes mais!

Jogadores. São os caramelos. Isto é com vista aos pequenos, mas a mim parece-me que o mal é geral pois o «Negrito Jogador» e alguns dos maiores têm mostrado muita vocação para meninos...

—O Grupo Desportivo foi jogar à Livração. Apresentou-se bastante desfalcado e perdeu bem por 3-2 com o Juventude Desportiva da Livração. Agora temos andado muito por baixo... É preciso animar, quando não estamos mal...

Jogamos em Riba de Ave, onde mais uma vez se manifestou a falta de conjunto e conclusão dos lances pois dominamos a maior parte do tempo e não conseguimos vencer. Perdemos por duas bolas a uma.

—Terrim... Terrim... Terrim...
—Está.

—Quem fala, por favor?
E do outro lado do fio era a voz do Avelino, atrapalhado.

—Pede ao Senhor Padre Carlos se cá pode vir, pois ardeu a instalação da furgoneta e nós ficamos encravados aqui em Lagares.

Lá seguiu o nosso grupo de socorro, dirigido pelo Senhor Padre Carlos.

Chegamos lá e o Avelino, que era o motorista, lá estava com o Senhor Padre Aires a servirem de mecânicos, mas a coisa não dava nada... A furgoneta fumegava por todos os lados...

Levamos o Senhor Padre Aires a casa, pedimos uma corda de carro emprestada e atrelamos a furgoneta ao Morris. No tampão do carro, que vinha aberto, seguia o Machado para ver como as coisas corriam e íamos a fazer uma autêntica palhaçada, apesar do caso não ser para isso...

—Diz o Nascimento:
—Oh Silva, manda vir meio numa enfusa!...

Nisto o tampão fecha-se e este fica atrapalhado, perante a algazarra dos da comitiva que se não continham e riam a bandeiras despregadas. De tal ordem que até fizemos muitas pessoas virem à porta.

Foi uma valente tartarice...
O que falta dizer é se andamos com falta de sorte ou azelhive dos motoristas... Que tenham paciência mas as culpas a quem as tem.

—Pessoas amigas lembrem-nos para pedirmos no Famoso o primeiro volume do «Isto é a Casa do Gaiato» e do «Pão dos Pobres», para ficarem com a coleção completa das nossas edições. Desde já manifestamos a nossa gratidão por tudo que possam fazer.

—NATAL! NATAL! Todos os anos é assim. Ainda vem longe esta grande festa da família e já todos o vêm perto e a alegria vai-se avivando de dia para dia. Fazem-se projectos. Pensa-se na festa do Grupo Cénico. Como ficará a disposição do refeitório, na valente pratada...

No que os senhores vão dar e de que maneira. Quando entra algum carro na aldeia não faltam os curiosos. O que será? Traz coisas boas?

—Eh pá. Deita para a costela. Não lhe perdoes. Vai ser de gritos...

Não nos esquece o alegre dito de C. Pereira: Lá vem mais um carro de comer! Na mesa vou-me distrair, como diz o Tenente Brito!...

Depois a boa disposição que só é possível nas Casas do Gaiato. E as trocas e mais trocas. E o Marão e Dado a dar ao rabo...

As batatas, bacalhau, tronchuda, rabanadas, filhós, metidas pelos pequenos, debaixo do traveseiro. E o Pai Américo lá do Alto a ver tudo isto e a rir-se, por as coisas continuarem como dantes!

Vou terminar para dar um tapa-olhos no Zé da Nela, que está a fazer barulho e não me deixa escrever. Cumprimentos para todos do,

DANIEL BORGES DA SILVA

MIRANDA

—Por toda a parte, por todo o mundo, se ouve o mesmo grito: guerra e só guerra.

Nós que somos cristãos e que temos a paz, devemos pedir a Deus, porque de Deus vem tudo; que tenha compaixão dos pobres moribundos da Hungria, que por serem cristãos sofrem cruelmente por Jesus Cristo, e procurando imitá-LO em tudo, sofrem até à última gota de sangue. Em todos os nossos rapazes se sentiu o martírio da Hungria e cada qual procurava ler, o que se passava naquele povo cristão que foi pisado pelo brutal poder russo.

O Santo Padre falou a todo o mundo e pediu que rezássemos e fizéssemos penitência pela paz no mundo. E nós assim o procuramos fazer. No dia 18, doze dos nossos rapazes de Miranda e de Coimbra juntaram-se à peregrinação Nacional a Fátima e foram rezar e fazer penitência junto da Virgem de Fátima que nos desse a paz.

A noite, depois do regresso, por volta das 18,30 fizemos uma hora de adoração, rezando e cantando e pedindo a Deus que tivesse dó de todo o mundo, mas em especial daquele povo heróico que por defenderem o nome de Cristo são esmagados.

E mais uma vez eu faço o mesmo apoio para que todos saibamos compreender as santas palavras do Santo Padre que sofre como há dois mil anos sofreu Nosso Senhor Jesus Cristo, Redentor dos homens.

—Começou o inverno; de manhã está tanto frio e a malta assopra nas mãos e batem o queixo com frio, enquanto que outros fazem fogueiras, e eu agora venho lembrar aos nossos leitores que tenham por aí algumas roupas usadas ou novas que nos queiram mandar, nós agradeceríamos pois temos rapazes de todas as idades.

—Também queria lembrar outra vez a nossa Conferência que está na última, já não temos dinheiro nenhum e já devemos parte de um caixa de um dos nossos pobres que morreu agora há dias. Também damos todos os domingos mercearia conforme a necessidade, mas o pior é que qualquer dia o Ti Zé Maria da Venda não nos fia mais nada. Por isso mais uma vez peço a todos os nossos leitores que tenham pena dos nossos pobres, pois nós estamos na encosta da Serra da Lousã e faz muito frio; queríamos dar uma manta a cada um e não temos dinheiro. Desde já os confrades agradecem a vossa generosidade.

José Dionísio Figueiredo

LAR DO PORTO

—Agora venho pedir aos nossos amigos leitores que se lembrem da nossa conferência de S. Vicente de Paulo, que luta desesperadamente para poder dar esmola aos nossos irmãos pobres. Já há muito que a conferência está sem receber qualquer donativo, e quando alguns vêm não chegam para cobrir o déficit da mercearia porque é pouco em relação aquilo que nós damos. Os pobres necessitam de nós, assim como nós precisamos deles para nos salvarmos. Ainda há pouco quando estávamos reunidos na conferência, um confrade ao fazer a descrição da sua visita nos contou o seguinte caso:

Num bairro da Lapa, onde vive um dos nossos pobres, quando se fazia um pedatório para a estátua do Pai Américo eis que este também contribuiu tirando uns tostões à sua magra bolsa. Verdadeira lição que todos nós devemos aproveitar. Isto é semelhante à lição da pobre Viúva do Evangelho. Portanto, caros leitores, vamos ajudar a Conferência de S. Vicente de Paulo do Lar do Gaiato do Porto — Rua de D. João IV, 682.

Também aceitamos roupas e utensílios valiosos. O telefone é o 21352. Em nome dos Pobres desde já agradece o secretário da conferência.

Joãa Luciano

BEIRE

—Mais uma vez estão ouvindo o cronista de Beire. Não sei se os amáveis leitores ficaram contentes com a minha estreia de cronista.

—Nós cá tivemos muito rendimento em milho, mas a maior parte dele foi para Paço de Sousa. Como os leitores sabem, aqui é uma Casa em obras.

—No dia de Todos os Santos, fomos visitar a campa do nosso querido Pai Américo, onde rezámos o nosso Terço. E no domingo seguinte fizemos cá o nosso magusto, que foi muito animado só com quatro pessoas.

—Os nossos caseiros foram-se embora para Ermezinde, e nós ficamos a fazer a quinta toda.

—Como na crónica passada falei aos amigos leitores dos nossos Pobres agora não se esqueçam de nos enviarem algumas roupinhas, porque estamos no tempo do frio.

—Tivemos cá de férias o Senhor Joaquim Barbosa da Conferência de S. Vicente de Paulo que nos ofereceu uma lata de queijo. Por isso vai aqui o nosso agradecimento.

—Temos tido zaragata por causa da bola. No domingo tivemos um encontro renhido entre Benfica—F. C. do Porto. As equipas alinharam: PORTO: Zéquita, Zé Maria Grande e Zé Maria Pequeno. Pelo BENFICA: General, Ratinho e Marrecó. E o encontro ficou em 2-2.

Zéquita

A Venda do Jornal NO PORTO

Esta quinzena já se venderam mais jornais; mas os que subiram ainda são poucos. Por isso não se esqueçam amigos tripeiros e todas as outras pessoas das respectivas cidades. Braga, Guimarães, Viana do Castelo, Aveiro e Barcelos, etc.

Veio há dias uma notícia de Cacia para nós irmos vender lá o Jornal. Foi na Fábrica Celulose que se venderam alguns jornais, e que ainda

NOTÍCIAS DA CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

O QUE RECEBEMOS: Abre Benguela: Oliveira Nunes satisfaz as cotas de Setembro e Outubro, 20\$. Segue-se a muita persistência da assinante 17.022, 40\$. E «J. M.» com «100\$ para os pobres da Conferência». Mais África da firma Antero Cunha & Irão, de Vila Salazar, por saldo de contas com a secção do jornal, 80\$. É caso para dizer que a coluna está muito africana. Ora vejamos lá os senhores se temos ou não razão: o nosso Dr. Herlander Freitas, em Quelimane, enfileira com «100\$ que manda o meu filho em sufrágio da alma do nosso querido e sempre chorado Pai Américo». Um beijinho para o menino e muitas venturas para o Casal. Assinante 18.907, 20\$. Silvério Vaz, Espinho, 30\$ e num desabafo afirma: «como sentimos ser tão pouco!» No Espelho da Moda, um anónimo com 50\$. Assinante 18515, 10\$. E dez vezes mais de Lisboa da assinante Júlia Hilda da Costa. Atenção Minas das Panasqueiras, assinante 27747; aqui vão os 66\$. Funchal, Maria José Andrade, sobras do jornal e dum chale, 45\$. De S. Mamede de Infesta o costume de «G. C.», pela santa alma de quem Deus levou». João Martins, 50\$00. O dobro de Laurindo Teixeira, do Porto, com a legenda: «perdoai a pequena esmola enviada». Como «promessa de uma Avó», 20\$. Maria da Silva, de Águas Santas, «pelas melhoras de seu marido», 50\$. Mais atenção: «Para os vossos pobres, o pouco que juntamos. Prometemos continuar. Nós». Foi-se a ver e eram 100\$00!

Mais gente conhecida: Uma leitora assinante do Gaiato e Vicentina com 500\$ e uma carta cheia, cheinha de Vida espiritual. Bendito seja Deus! Mais África: vem lá Inhambane com 50\$. Um cartão de visita diz: «Hoje, 23 de Outubro, dia do aniversário natalício do querido e saudoso Pai Américo, oferece esta pequena migalha por sua alma e em benefício dos pobres dessa Conferência. Uma Amiga». Mais um anónimo que se esconde sob as iniciais «L. G.», com 20\$. Outra vez África: Lourenço Marques com 30\$

O entusiasmo da primeira hora não diminuiu, nem acredito que diminua até àquele dia em que será entregue a última casa à última família que a não tenha. Até então a Justiça continua a clamar e Pai Américo irá lembrando à nossa consciência aquele «tantas quantas» que ele aqui citou muitas vezes como quem prega uma Cruzada. Há os que surgem pela primeira vez. E são muitos os que regressam, tomados do fervor desta «procissão». Depois, cada dia

ADQUIRA O LIVRO «BARREDO»

Pedidos à Editora:—Tipografia da CASA DO GAIATO—Paço de Sousa

por cima pagam as viagens e o respectivo almoço ao vendedor dali.

Isto é que é bom.

—Como o senhor Padre Carlos sabe que nunca vou almoçar ao Lar do Porto, um dia perguntou-me onde ia almoçar. Então disse-lhe que era no Restaurante Palmeira.

—Então tu nem dizes nada à gente... Podias ao menos convidar, para eu ir contigo... Então eu respondi-lhe: Mas se o Senhor Padre Carlos quiser ir comigo almoçar é só ter ordem para tal. Quando quiser é dizer que eu arranjo isso.

—Esta quinzena o senhor José de Melo de Viana do Castelo ofereceu um sobretudo ao Augusto que é o rapaz que ali vende quinzenalmente. Em nome do vendedor, muito e muito obrigado. Também um senhor ofereceu uma bola ao Macaquito. Obrigado igualmente.

Por hoje nada mais a não ser os respeitosos cumprimentos de

Mário J. Correia Ramos (Banana)

nos traz uma nova sugestão. Ainda ontem assisti à entrega de duas casas formosas em Lordelo de Guimarães. Quem vier desta cidade pelo comboio encontra-as à direita, um pouco antes da estação de Negrelos. Como se fizeram! O pessoal da fábrica Sampedro descontou semanalmente cinco e dez tostões. Em dois anos, com esta pequenina renúncia juntaram 12 contos. A direcção da empresa pôs o resto. E nós vimos como esta «sociedade» entre patrões e empregados é ali coisa vulgar, na emoção comum de uns e outros, na hora daquela entrega.

Quem anda por esse mundo em conferências internacionais à procura da paz? Que venha aqui a Lordelo ver duas famílias de seis e oito filhos, abrigadas pelo amor fraterno comunitariamente vivido pelos patrões e empregados da fábrica Sampedro. Desta espécie é o remédio que dará paz aos homens. Porém, primeiro é preciso que elas sejam «de boa vontade», como estas de Lordelo.

Os empregados da Companhia dos Telefones do Porto, Gerente a comandar, trouxeram 25 contos para 2 casas.

Cinquenta escudos e «Peço este testemunho a S. José». Os funcionários do 2.º sector da Central Telefónica de Lisboa aparecem com 4.100\$ da cotização que desde Fevereiro de 1955 se vem efectuando para a construção da sua casa. É o primeiro envio.

Cá ficamos à espera de nova passagem.

O Ultramar, por longe que seja, não anda ausente desta «procissão» metropolitana. É Vila Luso com 4.000\$ «e todos os meses mandarei até satisfazer o total de 12 mil». E mil de migalhas de Angola «dos empregados do C. F. B.».

O Pessoal da HICA não falla nunca. Este mês vem com 1.953\$10. Mais 100\$, 10.ª prestação do 2.º ano do «Plano Decenal». Casa Cândidinha e seu pessoal, 3.ª e 4.ª prestação no total de 1.100\$. Mais estándares de trabalho que se aproximam. Primeiro, é o dos empregados e operários da fábrica das Antas com 3.500\$. A seguir, o pessoal do Grémio de Panificação, 207\$. E logo depois, a Polícia de Segurança Pública do Porto, Comando e praças, com uma casa.

De Lisboa associa-se com 12 mil a «Casa de Nossa Senhora de Candelária».

Mais duas migalhinhas de muito valor pela persistência e pelo sacrifício: 200\$, «5.ª das minhas modestas prestações, condicionadas à ajuda divina» e 20\$ do «tabaco a menos durante o mês findo».

O primeiro rendimento livre duma casa acabada de pagar: «Apenas 750\$, será a porta? Pode ser que ela se abra para dar entrada a outros mais, quem dera».

E a porta fica aberta até à próxima saída da procissão.

Visado pela

Comissão de Censura

Júlio Mendes